

Mesmo em alta, pacientes ficam

Congestionados, os hospitais de Brasília ainda têm de lidar com um fenômeno peculiar. Parte dos doentes que vêm de longe à procura de socorro não tem parentes aqui, nem dinheiro para a passagem — e chegam a permanecer, virtualmente, até um mês em macas dos prontos-socorros. A eles soma-se o problema das crianças enjeitadas: mães somem, deixando para trás os filhos recém-nascidos, por não terem condições de criá-los.

É o caso de Toninho, um garoto com paralisia cerebral, que acabou sendo adotado pelo berçário do HRC, onde completou cinco anos de idade no mês passado. "Uma vez nós o levamos para uma instituição, mas ele foi muito maltratado. Então resolvemos trazê-lo de volta. O menino precisa de enfermeira, terapeuta. Precisa de cuidados especiais", explica o vice-diretor do hospital, Nivaldo Pereira Alves, 28 anos.

Outro hóspede freqüente — que na noite de quinta-feira acusava médicos e assistentes sociais de querer jogá-lo na rua — é o paraplégico Ildeberto Louzeiro, de 35 anos, que veio para Brasília depois de perder os movimentos, em Porto Velho, onde um tiro disparado por um assaltante atingiu-lhe a coluna. Isto aconteceu num garimpo, na virada do ano, de 1986 para 87. Tratado no Hospital Sarah Kubitschek, Louzeiro ficou em Brasília e viveu de artesanato até o Natal de 1989, quando novamente uma tragédia colheu-o em dia de festa. Atropelado com cadeira de rodas e tudo, nunca voltou a trabalhar. Não tem onde ficar e as casas que o hospedam logo cansam-se dos trabalhos que dá. Agora, depois de ser enxotado de sua última moradia, hospitalizou-se para curar as feridas provocadas pelas horas que passa deitado na mesma posição — e já teme o dia da alta. "Não podemos fazer nada. Os asilos de Brasília têm poucas vagas e só aceitam idosos independentes", preocupa-se a assistente social Conceição Aparecida de Godói.

Para sanar os problemas que aflingem a saúde no DF, o secretário de Saúde, Jofran Frejat, tem como meta prioritária a recuperação da rede hospitalar para por fim ao estigma de que o melhor hospital de Brasília é a Ponte Aérea. Frejat disse que a implantação de um instituto de atendimento terciário elevará a assistência médica no DF. (M.C.)